



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

17947 - Resumo Expandido - Trabalho - XXVII Encontro de Pesquisa Educacional do Nordeste – Reunião Científica Regional – ANPEd Nordeste (2024)

ISSN: 2595-7945

GT14 - Sociologia da Educação

O QUE CANTAM AS RAPPERS MULHERES NEGRAS NA MÚSICA BRASILEIRA

Claudia Sisan S de Santana - UNEB - Universidade do Estado da Bahia

Mariela Santos Silva - UNEB - Universidade do Estado da Bahia

O QUE CANTAM AS RAPPERS MULHERES NEGRAS NA MÚSICA BRASILEIRA

1. INTRODUÇÃO

Esta pesquisa em andamento, desenvolvida no Departamento de Educação/Ciências Sociais (grupo de pesquisa SANKOFA: Negritudes, PanAfricanismo e Subalternidades) da Universidade do Estado da Bahia- UNEB do corrente ano, busca conhecer as canções defendidas pelas Mcs Rappers Mulheres Negras na música popular brasileira a partir de registros gravados pelas vozes de mulheres negras e seus aspectos estéticos, históricos e identitários.

A análise das letras das MCs pretas revela uma riqueza de temas que refletem não apenas as realidades contemporâneas, mas também questões profundas e históricas enfrentadas pela comunidade negra. Temas como empoderamento feminino, feminismo, racismo estrutural, genocídio da população negra, ancestralidade africana, espiritualidade negra e autoestima são recorrentes em suas letras, demonstrando um compromisso em abordar questões que afetam diretamente suas vidas e as vidas de suas comunidades.

Essas MCs não apenas denunciam as opressões enfrentadas, mas também oferecem uma voz poderosa de resistência e de conscientização, utilizando o Hip Hop como uma ferramenta de transformação social. Ao ouvir suas canções, é evidente como temas contemporâneos são discutidos e problematizados a partir das letras e rimas dessas mulheres

negras, no entanto, é importante reconhecer que, apesar de suas contribuições significativas para o movimento Hip Hop, essas mulheres foram muitas vezes invisibilizadas na construção e na narrativa dominante do movimento.

É fundamental que suas vozes sejam valorizadas e amplificadas, não apenas como artistas, mas também como ativistas e líderes em suas comunidades. Vozes insurgentes, que embora submetidas a mecanismos de silenciamentos, insistem e resistem.

O estudo tem como objetivo geral conhecer as narrativas cantadas pelas Mcs Rappers Mulheres Negras na música brasileira, catalogando as principais artistas do Brasil e organizando de maneira preliminar as canções em blocos para uma análise de conteúdo .

Pretende-se demonstrar que análise de conteúdo contribui para a disseminação e difusão do conhecimento na promoção e circulação de conteúdos que problematizam a vida das mulheres /Mcs Rappers negras.

Trata-se de uma pesquisa exploratória com método de abordagem qualitativo que tem por base a observação direta dos pesquisadores sobre o objeto em estudo, bibliográfica e documental, foi utilizada a análise de conteúdo para conhecer as narrativas cantadas pelas Mcs Rappers Mulheres Negras no Brasil

2. MOVIMENTO HIP HOPE E FEMINISMO NEGRO

O Brasil é um país com herança escravocrata, construído a partir da violência de povos indígenas e pessoas negras, tem o modelo da supremacia branca no centro . Tudo que foge do ideal branco se torna “o outro” e lhe é atribuído estereótipos racistas que interfere diretamente na sua forma de estar no mundo(citação). Problemas como genocídio da população negra, baixa estima intelectual e estética, são alguns dos problemas comuns entre a juventude negra.

Em 1930 foi criado o “mito da democracia racial” que seria o ideal de que todos eram iguais, anulando assim o racismo sofrido por pessoas negras e recortes sociais provenientes de violências sofridas por essa população no Brasil. Pensando nisso em 1980 o MNU(Movimento negro unificado) busca derrubar o mito, assimilando que o racismo é oriundo de uma herança colonial.

Movimentos como Sociedade de Intercâmbio Brasil-África (Siba) e o Instituto de Pesquisa das Culturas Negras (IPCN), no Rio de Janeiro, e a Confederação Baiana dos Cultos Afro-Brasileiros (que se junta à Federação do Culto Afro-Brasileiro, criada em 1946) e o bloco afro Ilê Ayê, em Salvador buscam aumentar a autoestima estética e intelectual de pessoas negras.

E no mesmo ano o movimento hip-hop chega no Brasil assim como no Bronx na década de 1970, como uma forma de protesto ao racismo estrutural. O movimento foi criado pelo jamaicano Afrika Bambaataa, influenciado pelo movimento dos direitos civis nos EUA, refletindo as lutas e aspirações das comunidades afro-diaspóricas, através de filmes, músicas e outros elementos da cultura Hip Hop dos Estados Unidos.

Com uma linguagem que ressoava com a juventude negra e periférica, o movimento Hip Hop rapidamente se enraizou e se tornou uma voz significativa na cultura brasileira, refletindo as realidades e desafios das comunidades marginalizadas.

No Brasil, o Hip Hop chegou nas periferias urbanas, especialmente em São Paulo, na década de 1980, através de filmes, músicas e outros elementos da cultura Hip Hop dos Estados Unidos. Assim como nos EUA, o movimento Hip Hop chegou ao Brasil como uma resposta ao racismo estrutural vivenciado pela população negra nas periferias. O Hip Hop ofereceu uma plataforma para jovens negros expressarem suas experiências, desafios e indignações em relação à discriminação racial e à marginalização social.

Através do rap, do breakdance, do graffiti e do DJing, os jovens encontraram uma forma de canalizar suas vozes e se posicionarem contra as injustiças que enfrentavam diariamente. O movimento Hip Hop no Brasil não apenas proporcionou uma forma de expressão artística e cultural, mas também se tornou um instrumento poderoso de resistência e de conscientização sobre questões raciais e sociais.

É possível constatar nas letras das canções das Mcs pretas uma total ilação com as teorias do feminismo Negro. As concepções de racismo vinculadas a Leila Gonzalez e Beatriz Nascimento, muito próximo da perspectiva de Grada Kilomba, onde a escritora pontua o papel da "marginalidade" como um local que pessoas negras ocupam nas suas diásporas. Uma das consequências do racismo foi a atribuição da "Outrocidade": (Kilomba, 2021, p. 38).

A pessoa negra define a partir do outro, da perspectiva do "colonizado x colonizador". Gonzalez define isso como "neurose racial". Em suas obras, existe uma crítica dura à escravidão contemporânea e à herança colonial. O negro ainda é colocado à margem da sociedade com estereótipos como "mulata", "malandro", "tia Anastácia" e outros que permeiam o imaginário coletivo do que é ser negro no Brasil.

No entanto Beatriz Nascimento traz o sujeito negro visto como humano à parte de suas próprias concepções de humanidade afro-diaspórica, suas pesquisas acadêmicas são marcadas por um olhar atento às comunidades quilombolas. Segundo a escritora a história do negro no Brasil é sempre vinculada à perspectiva do branco. Beatriz Nascimento se coloca no centro de sua pesquisa ao se propor a estudar e produzir obras audiovisuais, que tratam do conceito de Amefricanidade que Lélia Gonzalez consegue abordar em suas obras.

As concepções dessas três escritoras negras trazem pontos cruciais sobre o racismo no

Brasil: memória/Herança colonial; Branco como centralidade; Baixa estima do sujeito negro no Brasil; Apagamento histórico da contribuição da cultura negra. Redução da contribuição histórica ao folclore brasileiro; A desumanização do negro; O apagamento da intelectualidade do negro brasileiro; Falta de pertencimento territorial; Morte psíquica do negro brasileiro; Atribuição de estereótipos a pessoas negras.

Tais tópicos elencados acima é perceptível na obra das vinte e seis (26) Mcs catalogadas até o presente momento, são elas : Abronca; Afreeekasia; Atitude Feminina; Áurea Semiseria; Bixarte;Cris snj; Drik Barbosa; Ebony; Evelyn; Flow Nzinga; Gabz; Kamila CDD; Karol Conká; MC Sofia; Meire D’Origem; Monna Brutal; Negra Gizza; Nina do Porte; Preta Ary; Preta rara;Tamara Franklin;Tasha e Traice; Tássia Reis;Vera Verônica; Sharylaine; Rose MC.

1. Resultados e discussões da pesquisa

Para a compreensão da obra das Mcs Rappers Mulheres Negras elencadas na pesquisa as seguintes fontes de dados foram consultadas: a discografia das artistas e filmes e documentários produzidos disponibilizado nas plataformas digitais ; Sites oficiais para coletas das letras das canções; Os depoimentos e entrevistas em jornais, TV, DVD’s, Canais do *Youtube*; Redes sociais como *Facebook*, Instagram; Fotografias; Os sites pessoais e organizados em torno da figura desses músicos na Internet; A vasta produção jornalística impressa e televisiva; e a crônica musical dos períodos; Dissertações, Teses e artigos em base de dados sobre artistas.

O método biográfico foi determinante para o conhecimento da produção das canções e separação da carreira das cantoras/ compositoras. Na análise de conteúdo, recorre-se a uma reflexão sobre a mensagem das letras, considerando a frequência de palavras e o contexto histórico das canções.

Abaixo uma pequena descrição das Mcs Pretas catalogadas. Informações retiradas dos materiais sonoros e audiovisuais disponibilizados nas Plataformas digitais das artistas.

TABELA 1 – UM POUCO DELAS

MC's	SE AUTODENOMINA	NATURALIDADE	INICIO CARREIRA
ABronca(Mariana Alves e Jennifer Loiola)	Mulher Cis	Rio de Janeiro	2014
Afreeekasia(Cássia Sabino)	Mulher Cis	São Paulo	2016
Alinega(Aline)	Não-Binário	Santo André/BA	2015
Atitude Feminina(Ellen, Giza Black e Aninha)	Mulher Cis	São Sebastião/DF	2000
Áurea Semiseria	Mulher Cis	Salvador/BA	2013

Bixarte	Trans	Taboão da Serra/SP	
Cris Snj	Mulher Cis	São Paulo/SP	1996
Drik Barbosa	Mulher Cis	Santo Amaro/SP	2007
Ebony	Mulher Cis	Rio de Janeiro/RJ	2018
EVYLiN	Travesti	Salvador/Ba	2021
Flow Nzinga	Não-Binarie	Rio de Janeiro/RJ	2015
Gabz	Mulher Cis	Rio de Janeiro/RJ	2007
Kmila CDD	Mulher Cis	Rio de Janeiro/RJ	2002
Karol ConKá	Mulher Cis	Curitiba-PR	2001
MC Soffia	Mulher Cis	São Paulo/SP	2015
Meire D'origem	Mulher Cis		2001
Monna Brutal	Mulher trans	São Paulo/SP	2018
Negra Gizza	Mulher Cis	Rio de Janeiro/RJ	
N.I.N.A	Mulher Cis		2017
Preta Ary	Mulher Cis	Araraquara/SP	2004
Preta Rara	Mulher Cis	Santos-SP	2005
Suja dFato	Mulher Cis		
Tamara Franklin		Ribeirão das Neves-MG	2015
Tasha e Traice	M Cis-gemêas	São Paulo	2020
Tássia Reis	Mulher Cis	Jacarei-SP	2013
Vera Verônica	Mulher Cis	Brasília-DF	1979
Rose MC	Mulher Cis	Zona Leste-SP	1985
Sharylaine	Mulher Cis	Zona Leste – SP	1980

FONTE : as autoras

Ainda nessa seção a apresentação de algumas canções das Mcs Pretas e uma Análise de Conteúdo preliminar

ARTISTA: ABRONCA

NOME DA CANÇÃO	ÁLBUM / EP	COMPOSITOR/ES	ANO
DE CRIA PRA CRIA	DE CRIA PRA CRIA	JENIFFER LOYOLA E MARIANA ALVES	2022

A letra mostra o orgulho que as artistas tem em ser periféricas, tanto que na sua composição gírias como “cria”, “papo” e “gringo” são utilizadas em sua composição como forma de empoderamento e vivência periférica, sem deixar de enfatizar problemas que assolam as periferias como violência policial e guerra as drogas.

ARTISTA: AFREEKASSIA

NOME DA CANÇÃO	ÁLBUM / EP	COMPOSITOR/ES	ANO
SOU + AS NEGRAS	SOU + AS NEGRAS	AFREEKASSIA E GABRIEL MARINHO	2023

A música fala sobre a identidade e pluralidade de mulheres negras na sociedade. É importante perceber que na sua escrita Afreekassia, faz referência a Beyoncé Desbity Shields como propulsoras de uma identidade musical de mulheres pretas.

E para além dessas artistas, Afreekassoa cita mulheres negras que construíram a sua identidade e subjetividade quanto rapper. A música trata de autoestima e sororidade entre mulheres pretas.

ARTISTA: Atitude Feminina

NOME DA CANÇÃO	ÁLBUM / EP	COMPOSITOR/ES	ANO
ENTERRO DO NEGUINHO	ROSAS	DJ RAFFA	2006

A letra mostra problemas cotidianos na periferia relacionados ao genocídio e extermínio e jovens negros. O trecho “Quem não se lembra do Neguinho da favela. Que quis morrer na batalha, do que viver numa cela.” destaca que muitos jovens negros entram na vida do crime exatamente por problemas que envolvem desigualdade social.

O genocídio de jovens negros é algo recorrente no Brasil visto que a polícia militar é uma instituição que foi criada com o objetivo de higienizar corpos negros periféricos. Além de fazer uma crítica ao genocídio a composição mostra a dor de uma mãe preta perdendo o seu filho para criminalidade.

ARTISTA: Bixarte

NOME DA CANÇÃO	ÁLBUM / EP	COMPOSITOR/ES	ANO
REFÉM	FACES	BIG JESI E BIXARTE	2019

Nessa composição a rapper descreve o sentimento de paixão e vulnerabilidade do amor, retratando o medo de estar amando alguém ao mesmo tempo em que ela deseja estar muito perto da pessoa amada. O ato de uma mulher cantar sobre afetividade e vulnerabilidade é subversivo visto que mulheres pretas são vítimas da solidão da mulher negra.

ARTISTA: Cris Snj

NOME DA CANÇÃO	ÁLBUM / EP	COMPOSITOR/ES	ANO
PENSAMENTOS	NOVOS TEMPOS	CRIS SNJ	2003

A música é uma grande reflexão da rapper sobre sua vida e como as suas escolhas impactaram o seu futuro. Na canção ela faz uma linha do tempo sobre as suas escolhas, e como as suas relações familiares e afetivas interferem na pessoa que ela é hoje.

Sem esquecer de fazer uma crítica social de ser uma mulher negra no hip hop.No mesmo instante em que ela nos convida a fazer uma reflexão sobre as nossas próprias escolhas.

ARTISTA: Drik Barbosa

NOME DA CANÇÃO	ÁLBUM / EP	COMPOSITOR/ES	ANO
LIBERDADE	LIBERDADE	R.A.E	2019

A música destaca o poder da autoestima e autoconhecimento para mulheres sobretudo mulheres pretas.

Ao longo da canção percebe-se a importância do empoderamento feminino como no trecho “não é à toa que liberdade é no feminino”. Além de fazer uma crítica ao patriarcado, a música faz um convite a mulheres entenderem a importância do autoconhecimento e união entre si.

Ao longo da letra Drica Barbosa crítica estereótipos relacionados a mulheres que se permitem serem livres para além de imposições machistas.

ARTISTA: Ebony

NOME DA CANÇÃO	ÁLBUM / EP	COMPOSITOR/ES	ANO
ESPERO QUE ENTENDAM	ESPERO QUE ENTENDAM	MILENA PINTO DE OLIVEIRA (EBONY)	2023

A composição é uma “dis” abreviação de “disrespect” muito utilizada no hip hop com a intenção de atacar seu adversário através da rima.

Nessa “dis” Ebony faz uma crítica pertinente ao movimento hip hop e a exclusão e falta de oportunidade para mulheres negras na cena.

Afrontando diretamente grandes nomes masculinos do cenário musical do Hip-Hop. Além de ser um protesto, a música é um grito de auto afirmação da cantora quanto rapper mostrando que independente da dificuldades, ela continua sendo uma grande artista.

ARTISTA: EVYLIN

NOME DA CANÇÃO	ÁLBUM / EP	COMPOSITOR/ES	ANO
SACODE	SACODE	EVYLIN	2021

Quando se entende os locais com a mulher travesti ou trans ocupa na sociedade as composições de Evelyn se tornam muito mais revolucionárias. Em uma entrevista ela destaca a importância de cantar para além da sua condição como mulher trans mas sim dá importância de ser uma mulher travesti cantando sobre liberdade sexual e autonomia sobre o seu próprio corpo.

Evelyn destaca que o seu existir já é político por isso as suas composições precisam ser sobre vivências diversas do que é ser uma mulher preta e travesti na sociedade brasileira.

ARTISTA: Gabz

NOME DA CANÇÃO	ÁLBUM / EP	COMPOSITOR/ES	ANO
DO BATUQUE AO BASS	DO BATUQUE AO BASS	DAMIEN ALAIN FAULCONNIER, GABRIELLY MARTINS NUNES	2018

Na composição, a rapper adota uma postura de resistência e autoafirmação por meio

do empoderamento negro e do conceito de "aquilombamento", trazendo à tona nomes importantes na luta pelos direitos civis da comunidade negra, como Muhammad Ali, Zumbi e Malcolm X.

Essas referências são utilizadas para elevar a autoestima e ressaltar a importância da religiosidade afro-diaspórica. A cantora destaca os problemas enfrentados pela população negra desde os tempos da escravidão até os dias atuais.

ARTISTA: KMILA CDD

NOME DA CANÇÃO	ÁLBUM/EP	COMPOSITORES/ES	ANO
APRESENTANDO KMILA CDD	CAUSA E EFEITO	KMILA CDD	2010

A letra é uma apresentação e auto afirmação da cantora, do lugar de onde veio, quem ela é e quais são as suas origens quanto mulher negra de periferia. Pontos que a rapper destaca como forma de empoderamento e autopercepção no mundo.

Além de trazer o destaque para mulher negra no hip hop, destacando que ela abriu caminho para outras passarem. No trecho “molecada nova não se assuste mina preta no jogo, trago lenha e fogo.”

A rapper demonstra nesse trecho a importância do autoconhecimento e auto percepção para não sucumbir a estereótipos racistas que foram impostos a mulheres pretas,. No trecho é o seguinte "quero que me trate com flor, e não a base de soco”, o eu lírico nos leva a reflexão do papel que mulheres negras ocupam em sociedade, lugar de hostilidade nunca no lugar de receber “flores”.Um dos estereótipos vinculados a mulheres pretas é o lugar de Fortaleza de guerreira mas Camila nos faz pensar o quanto mulheres negras carecem de afeto.

A música destaca o poder do fazer e autoconfiança. Na letra rapper canta sobre o poder do empoderamento e a quebra de estereótipos e padrões impostos a uma mulher negra na sociedade.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

As mulheres negras, em especial, estão em uma encruzilhada de opressões segundo Carla Akotirene (2018), o que não significa dizer que há hierarquias ou categorias de sofrimento onde há grupos mais oprimidos e outros menos, e sim, o reconhecimento de um conjunto de pessoas que em função de marcadores, raciais, socioeconômicos e de gênero estão em condições desprivilegiadas e não oscilantes em relações a outros grupos, como por exemplo, homens negros e mulheres brancas. O que promove à atenção em discutir, mas também proporcionar espaços de voz efetiva a esse grupo de mulheres. Assim, as realidades das intérpretes negras brasileiras perpassam as adversidades comuns a outras mulheres negras e artistas, cujo enfoque nos marcadores sociais de gênero, raça, geração, biografia de maneira interseccional; assim como o contexto histórico são essenciais para compreender e transformar este panorama.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Ronaldo Conde. As divas do rádio nacional: as vozes eternas da Era de Ouro. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2010.

AKOTIRENE, Carla. O que é interseccionalidade? Belo Horizonte: Letramento; Justificando, 2018.

ALMEIDA, Ângela Teixeira de; SILVA, Lúcia Helena Oliveira. Não falem dessa mulher perto de mim: representação da mulher na mídia e na música popular na década de 1950. Fênix – Revista de História e Estudos Culturais, Uberlândia, v. 14, n. 1, jan./jun. 2017.

BARDIN, L. Análise de conteúdo. Lisboa: Edições Setenta, 2010.

KILOMBA, Grada. Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021. 244 p.

MURGEL, Ana Carolina Arruda de Toledo . Pesquisando as compositoras brasileiras no século XXI. RevistaIeb. Portal Universitário USP.

DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2316-901X.v0i71p181-192>. Disponível em <<https://www.revistas.usp.br/rieb/article/view/152702>>. 2016

SANTANNA, Marilda. As bambas do samba: mulher e poder na roda (org). Salvador: EDUFBA, 2019.2.ed.

SANTANNA, Marilda; FREIRE Mônica. O afrontamento de Tássia Reis: não toleramos mais o seu xiu. Revista Interfaces Científicas, Humanas e Sociais. Aracaju V.8, N.3 p. 93-100 2020.

SANTHIAGO, Ricardo. Solistas dissonantes:

SISAN Claudia SS, PEREIRA, H, PARDO CASAS, T H et al. Minerando ciência e tecnologia no mar das canções de Gilberto Gil. Revista Interfaces Científicas: Editora Tiradentes. DOI: <http://dx.doi.org/10.17564/2316-3801.2015v3n3p13-26> . 2015

TAGG, Phillip. Analisando a música popular: teoria, método e prática. v.14- 4.23. Dezembro 2003. Disponível em <<https://seer.ufrgs.br/EmPauta/article/view/9404>>. Acesso 2018.

MULHERES No topo: A Ascensão Feminina no Rap. Canal USP. São Paulo: 2019. Youtube.

EMPODERADAS: MC Soffia. Renata Martins. Empoderadas. São Paulo: 2017. Youtube.

O Que Querem as Mulheres no Hip-Hop Brasileiro? Brasil de Fato. São Paulo: 2023. Youtube.